

**MESA**  
22 NOV  
11H – 13H

**FAKE NEWS, MOVIMENTOS SOCIAIS E RESISTÊNCIA:  
O PAPEL DA LINGUAGEM**

Coordenação: Cláudia Wanderley (CLE-UNICAMP)  
Participantes: Maria Manuel Baptista (Universidade de Aveiro,  
Portugal), Iara Beleli (IFCH/UNICAMP)

**RESUMO I**

**FAKE NEWS, MOVIMENTOS SOCIAIS E RESISTÊNCIA:  
O PAPEL DA LINGUAGEM**

Maria Manuel Baptista

Universidade de Aveiro  
Professora Catedrática  
mbaptista@ua.pt

Nesta palestra discutiremos o modo como a linguagem se encontra profundamente imbricada nas construções de gênero e como ela pode impedir de nos dizermos e construirmos para lá (ou para cá) destas construções culturais. Assim, para além do que a linguagem diz no que respeita à construção de gênero, exploraremos as suas possibilidades performativas para lá do que aparentemente se nos apresenta como indizível, impensável ou irreal. Para o efeito, partiremos do quadro epistemológico dos Estudos Culturais, articulando-o com o atual debate trazido pelas Teorias de Gênero contemporâneas, recolhendo ainda alguns dos importantes aportes que sobre esta matéria têm produzido a Linguística e a Psicanálise.

Mais concretamente, convocaremos a reflexão de Monique Wittig, para quem as marcações de gênero que a linguagem transporta devem ser cuidadosamente pensadas, expostas e interrogadas, uma vez que, nas palavras da linguista, “(...) o gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos e da dominação das mulheres. O gênero, como conceito, da mesma forma que o sexo, homem e mulher, é instrumental no discurso político do contrato social enquanto contrato heterossexual” (Wittig, 2018/1986:94). Para o aprofundamento desta importante questão política convocaremos as principais teorias de género da atualidade (especificamente Butler e Braidotti), mas também as teorias da argumentação contemporânea que nos permitem explorar as possibilidades do uso da palavra no contexto da

construção de comunidades mais democráticas e inclusivas. Seguindo a proposta de Irigaray (2018/1990:164) para quem, “o preço das palavras, o sentido econômico do discurso, dos discursos, representa um dos problemas importantes do nosso tempo”, voltaremos à questão que tão certamente Spyvak já colocou: ‘pode o subalterno falar?’. E, no caso das mulheres subalternas, com que língua não-patriarcal (se) poderão elas falar? “Qual é então o sentido da palavra na nossa época? E, se nós não falarmos mais, não nos falarmos mais, ainda somos humanos? Ainda estamos vivos?” (Irigaray, 2018/1989:166).

Palavras Chave: Gênero, Linguagem, Estudos Culturais, Performance

## RESUMO II

### ANTI-FEMINISMO EM REDE: ÓDIO E PRODUÇÃO DE FAKE NEWS

Dra. Iara Beleli

Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/UNICAMP  
Editora da revista Cadernos Pagu

A popularização das mídias digitais e da internet tem acelerado a participação de sujeitos comuns na política brasileira, particularmente no período de retrocessos pelo qual passa o Brasil nesse momento. Nesta apresentação, proponho uma reflexão sobre grupos, organizados ou não, empenhados em definir o que é o feminismo de modo a descaracterizar esse movimento social, ou ainda, desqualificar pessoas que se afirmam feministas. A pesquisa tem sido realizada em blogs anti-feministas que ganharam a cena a partir de 2012, em um contexto de turbulência política no Brasil, associando as feministas ao caos social. Com a intensificação da interface sócio- técnica, as ideias são expostas, na maioria das vezes, por meio de discursos de ódio que marcam os sujeitos e suas posições na sociedade a partir da diferença de gênero articulada particularmente à classe e raça/etnia. O ódio, aqui pensado em estreita relação com a intolerância e a violência, tem sido produzido a partir de ecos do que se pensa ser os feminismos, ganhando seguidores/as que reproduzem automaticamente as notícias e, na maioria dos casos, estimulando a veiculação de fake news.

Palavras chave: Feminismos; Fake News; Redes Sociais;  
Ódio; Violência.